

UFRRJ – UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR – CAMPUS NOVA IGUAÇU
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E ECONOMIA
CURSO DE HISTÓRIA – LICENCIATURA

Jéssica Roberta Lara

**Crítica Social através das charges no Jornal da Baixada (1979 – 1980) e o papel
dos comunistas**

Nova Iguaçu – RJ

2017

Jéssica Roberta Lara

**Crítica Social através das charges no Jornal da Baixada (1979 – 1980) e o papel
dos comunistas neste contexto**

Monografia apresentada ao curso de História como
requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciado em História, do Instituto Multidisciplinar
da Universidade Federal Rural do Rio De Janeiro.

Orientador: Prof. Dr. Jean Rodrigues Sales

Coorientador: Prof. Dr. Felipe Augusto S. Ribeiro

Nova Iguaçu – RJ

2017

Resumo

O presente trabalho visa analisar as charges do periódico denominado *Jornal da Baixada*, Fundado em 1979, com enfoque em suas charges que era instrumento de crítica ao governo da época. Assim, o intuito desse trabalho será estudar as charges desse periódico procurando entender como ele fazia críticas ao governo do general João Figueiredo e as divulgava aos moradores leitores da Baixada Fluminense.

Ao longo das oito edições do jornal, encontramos dezesseis charges, das quais privilegiamos seis, que ilustram o processo de redemocratização brasileira, a partir da realidade da Baixada Fluminense. Pois elas buscam aproximar questões do cenário nacional à vivência da realidade da Baixada Fluminense, sobretudo criticando o Milagre Econômico, a política salarial e a carestia da vida durante a ditadura militar.

Palavra-chave: Cultura comunista, identidade comunista, imprensa alternativa, charge Milagre Econômico, política salarial, ditadura militar.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Jean Rodrigues Sales (Orientador).

Instituto Multidisciplinar – DHE – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Felipe Augusto dos Santos Ribeiro (Coorientador)

Instituto Multidisciplinar – DHE – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof^a. Ms Tania Amaro

Prof. Ms Adriana Maria Ribeiro

Agradecimentos

Primeiramente quero agradecer a Deus, por tudo, pela oportunidade de fazer esse curso de licenciatura em história. Apesar da caminhada ter sido longa e o trabalho bastante árduo, Ele me sustentou e providenciou todas as coisas, por isso eu louvo.

Agradeço a cada pessoa que fez parte da construção da minha caminhada nesse curso, os meu colegas de turma, mas em especial os meus amigos e amigas, Raphaela Nogueira de Almeida e a Ana Carolina Brito Oberosler que contribuíram bastante para que eu pudesse prosseguir nessa jornada, que quando pensava em desistir me incentivavam a continuar.

Obrigada a minha família que me incentivou e sempre me deram apoio incondicional a minha irmã Érika Giovana Lara, por ter me aturado nas noites de estudo, aos meu pai Silvério Lara Filho e a minha mãe Rosângela Conceição de Oliveira que me deram apoio emocional, financeiro aos meus tios e tias, e ao meu avô Francisco José de Oliveira.

Ao corpo docente do qual tive o privilegio de conviver ao longo do curso meus sinceros agradecimentos, por ter acrescentado mais conhecimento a minha vida através das matérias ministradas por cada um . Mas em Especial quero agradecer ao Jean Sales, meu orientador, pela paciência na construção deste trabalho de conclusão de curso. E também ao Felipe Ribeiro, meu coorientador, por ter acreditado nesse projeto e não ter desistido. Obrigada a todos que participaram direta ou indiretamente desse meu percurso.

SUMÁRIO

Introdução	08
Capítulo 1: Identidade e Cultura comunista: como e onde surgiram?.....	10
Capítulo 2: <i>Jornal da Baixada</i> como imprensa alternativa	20
Capítulo 3: Charge como mediadora entre a população e a política	29
Considerações Finais	43
Referências Bibliográficas	46

Introdução

Os objetos de estudo escolhidos como fonte para este trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em História foram as charges do periódico denominado *Jornal da Baixada*. Fundado em 1979, sua primeira edição foi lançada no município de São João de Meriti e começou a circular pela região da Baixada Fluminense, em maio daquele ano.

Durante uma disciplina optativa sobre História da Baixada, tive o privilégio de estudar a dissertação de mestrado de Adriana Maria Ribeiro, quando despertou meu interesse em estudar o jornal, mais especificamente as suas charges, como instrumento de crítica ao governo da época.¹

De acordo com a autora, o periódico foi fundado por membros da Ala Vermelha, grupo dissidente do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), no contexto da ditadura militar, ao final da década de 1970. A “Ala” vinha difundindo táticas de inserção junto aos trabalhadores e moradores da Baixada Fluminense (militantes começam a se infiltrar nas fabricas e viver como cidadãos comuns). Muitas de suas ações nesse período foram realizadas em parceria com a Diocese de Nova Iguaçu, na época presidida pelo Bispo Dom Adriano Hipólito.

A partir de divergências ideológicas sobre a questão da luta armada durante a ditadura, militantes comunistas da Ala Vermelha se reúnem, criam um documento de autocrítica e chegam à conclusão de que eles precisavam estar mais próximos dos trabalhadores.

Desse modo, o objetivo do presente trabalho será estudar as charges desse periódico, buscando compreender como ele tecia críticas ao governo do general João Figueiredo e as divulgava junto aos leitores moradores da Baixada Fluminense. O jornal foi editado por um curto período, durante os anos de 1979 e 1980, reunindo um total de oito edições. Essas fontes foram consultadas no Centro de Documentação e Imagem do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CEDIM-IM-UFRRJ).²

Nas edições do *Jornal da Baixada* encontramos dezesseis charges, das quais pretendemos analisar seis, que julgamos representar o processo de redemocratização brasileira, a partir da realidade da Baixada Fluminense. Privilegiamos as charges que ilustram reportagens do periódico que buscam aproximar questões do cenário nacional à vivência da

¹ RIBEIRO, Adriana Maria. *Todo comunista tem de ir aonde o povo está: as experiências de inserção política*

² O CEDIM foi criado em 2013 com o objetivo de reunir, sistematizar, preservar e disponibilizar acervos históricos, particularmente sobre a Baixada Fluminense. Disponível em <<http://r1.ufrj.br/cedim/>>. Acessado em 02/06/2017.

realidade local (da Baixada Fluminense), sobretudo criticando o Milagre Econômico, a política salarial e a carestia da vida durante a ditadura militar.

O primeiro capítulo deste trabalho aborda a questão da identidade comunista, Como ela alcança as pessoas? Quais as táticas e seus instrumentos utilizados para isso? O que é a cultura comunista? Como e onde ela surge?

O segundo capítulo eu me propus a estudar o papel da chamada imprensa alternativa durante a ditadura militar, indicando neste contexto o papel desempenhado pelo *Jornal da Baixada*, com a sua primeira edição lançada em maio de 1979, quando já se lutava pela redemocratização da nação brasileira.

O terceiro capítulo é aonde eu apresento as charges, as divido em blocos e me aprofundo nas questões que envolvem o milagre econômico, a política salarial e a carestia da vida neste contexto.

Capítulo 1:

IDENTIDADE E CULTURA COMUNISTA: COMO E ONDE SURGIRAM?



**IMAGEM 1: Fac-símile do *Jornal da Baixada*. 15/05/1979. n.1. p.1.
Fonte: Acervo do CEDIM-IM-UFRRJ**

Lançado em 15 de maio de 1979, o *Jornal da Baixada* evidenciou seus objetivos desde a primeira edição, conforme podemos verificar em seu editorial:

POBRE, ATREVIDO, INDEPENDENTE – Aqui está o primeiro número do JORNAL DA BAIXADA. É um jornal que nasce do esforço dos moradores e trabalhadores da Baixada e conta com a colaboração de um grupo de jornalistas. O Jornal da Baixada quer estar junto das associações de bairros, dos sindicatos de trabalhadores e de outras entidades da região para transmitir suas opiniões, levantar suas reivindicações, exigir soluções. É mais um instrumento de luta pela melhoria das condições de vida do povo.³

³ *Jornal da Baixada*. 15/05/1979. p.2.

Este jornal alternativo foi fundado por militantes da Ala Vermelha, organização de orientação marxista-leninista, surgida em 1967 e dissidente do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), que buscou atuar junto aos movimentos de massa na Baixada Fluminense.⁴

Vale ressaltar que o próprio PCdoB também é uma dissidência, ocorrida em 1962, a partir do Partido Comunista Brasileiro (PCB), fundado em 1922, bem como reconhecido pela Internacional Comunista e pelos partidos comunistas que se identificavam com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Após a divulgação do relatório do XX Congresso do Partido Comunista da URSS, em 1956, no qual foram denunciadas as ilegalidades e fraudes de Josef Stalin, a unificação do partido ficou abalada, tendo repercussões em diversos partidos comunistas pelo mundo. No Brasil, depois de muitas discussões e divergências, intensificadas desde o final da década de 1950, um grupo de companheiros se reuniu e resolveu criar outra legenda partidária, o PCdoB. Nesse processo, o novo partido resgatou o antigo nome do “Partidão”, criado em 1922: Partido Comunista do Brasil. Após ter sofrido muitas críticas da direita, que o acusava de ser uma agremiação da Internacional Comunista e não um partido nacional, o PCB resolveu alterar sua denominação para Partido Comunista Brasileiro (PCB), em 1960, visando sua legalização junto ao Tribunal Superior Eleitoral.

Para Dulce Pandolfi, o rompimento do PCdoB com o “partido de Prestes”, em 1962, evidenciou tensões antigas dentro do PCB, sobretudo o debate sobre o partido defender “as reformas” ou “a revolução”. Nesse sentido, o IV Congresso do PCB, realizado em 1954 e que aprovou teses consideradas “mais revolucionárias”, passou a ser visto pelo “Partidão”, em sua história “oficial”, como um momento “dogmático” e “antidemocrático”, ao passo que – para o PCdoB - representou um salto de qualidade, um novo e mais elevado patamar na reflexão estratégica dos comunistas brasileiros.⁵

Desse modo, neste capítulo me proponho a compreender a identidade desses comunistas que acreditam em uma revolução, que só será feita pelas massas, com um intuito social, na construção de uma nova sociedade. Para isso, utilizarei o conceito de cultura política, segundo a definição de Rodrigo Patto Sá Motta, que trabalha com uma definição a partir de pressupostos antropológicos, de que a cultura influencia as decisões e ações políticas

⁴ RIBEIRO, Adriana Maria. *Todo comunista tem de ir aonde o povo está: as experiências de inserção política da Ala Vermelha na Baixada Fluminense (RJ) na década de 1970*. Seropédica, RJ: Dissertação em História, UFRRJ, 2013. p.13.

⁵ PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e Companheiros: história e memória do PCB*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, Fundação Roberto Marinho, 1995. p.181.

as quais são determinações por fatores culturais, identidades, valores e sentimentos.

Para Motta, embora o conceito possa ter inúmeros outros significados, cultura política se define como um:

(...) conjunto de valores, tradição, práticas e representações políticas partilhadas por determinado grupo humano, expressando identidade coletiva e fornecendo leituras comuns do passado, assim como inspiração para projetos políticos direcionados ao futuro.⁶

Empregar cultura política na análise sobre a militância comunista, de acordo com Motta, ampliará a nossa visão em relação à duração do comunismo, a adesão das pessoas a essa identidade ideológica que vai além dos partidos políticos e dos interesses de classe. Esse projeto político ganhou grandes proporções e se popularizou através da construção de imagens e sentimentos.

Já Dulce Pandolfi faz uso do conceito de cultura política comunista. Em seu estudo sobre o PCB, a autora o definiu como:

Por uma Cultura Comunista estamos nos referindo a uma determinada visão de mundo compartilhada, por todos aqueles vinculados a uma tradição que se consolidou com a vitória da Revolução Russa de 1917 e se identificou com o modelo de sociedade que foi implantado na URSS.⁷

A citação acima dialoga com a definição que Rodrigo Patto Sá Motta destina ao conceito de cultura política quando pensa o comunismo, pois seus adeptos e simpatizantes comungam de ideias semelhantes e, para colocá-las em prática, terão certo referencial comportamento. Contudo, não convém esquecer as particularidades que cada partido comunista adquire, de acordo com cada país, bem como suas dissidências no campo da própria cultura comunista, como foi o caso do Brasil.

Segundo Rodrigo Salvador Araújo, com o surgimento do movimento operariado no Brasil frente à expansão de forças produtivas, intensifica-se a luta de classe durante os anos de 1917 a 1922. Influenciados pela Revolução Bolchevique, acontece uma divisão ideológica no movimento operário brasileiro, pois os militantes anarquistas “não teriam entendido” o significado da Revolução Russa. Em 1919, eles chegaram a criar um partido comunista, a

⁶ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. “A cultura política comunista. Alguns apontamentos”. IN: NAPOLITANO, Marcos; CZAJKA, Rodrigo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.). *Comunistas brasileiros: cultura política e produção cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. p.17-18.

⁷ PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e Companheiros história e memória do PCB*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, Fundação Roberto Marinho, 1995.p.35.

partir de sua visão libertária, porém não durou muito tempo.

Entre os militantes anarquistas e seus dissidentes simpatizantes da Revolução de Outubro de 1917 passaram a ocorrer divergências ideológicas cada vez mais profundas. Com isso, anarquistas da “velha guarda” organizaram um congresso na cidade de Niterói, em março de 1922, com inspiração na III Internacional Comunista. Neste congresso foram aprovadas as 21 condições da Internacional e os estatutos do novo partido, o Partido Comunista do Brasil (PCB).⁸

Isabela Cristina Leite busca explicar parte dessa influência anarquista na formação do PCB, a partir do contexto social brasileiro. Segundo ela, uma sociedade escravocrata que recebeu imigrantes italianos e espanhóis, os quais formavam o pequeno núcleo operariado da época. Convém ressaltar que atualmente existem importantes discussões sobre o “mito do imigrante italiano radical e anarquista.”

Os objetivos da criação do partido estavam em transformar a sociedade capitalista em comunista, além de agir em favor da compreensão internacional dos trabalhadores. No entanto, para a autora, uma característica particular do PCB estava em incorporar influências militares, como foi o caso de Luis Carlos Prestes, oriundo do Tenentismo.⁹

Para Motta, a cultura do PCB girava em torno de três órgãos sensíveis do ser humano: Coração, estômago e cérebro. O coração estaria ligado, segundo o autor, justamente à parte da cultura política, influenciado pelo sentimento dos valores culturais. O estômago teria como significado a melhoria da situação social e o suprimento das necessidades materiais. Por fim, o cérebro representaria a parcela dos intelectuais que foi convencida pela argumentação filosófica da teoria marxista e aderiu ao comunismo. Esses intelectuais vão desempenhar um papel importante na difusão dessa cultura política comunista no Brasil.¹⁰

Conforme salientou Pandolfi, ser comunista é uma escolha e, feita esta opção, as demais coisas passariam a ter menor importância em detrimento desse objetivo maior.¹¹

⁸ SALVADOR, Rodrigo. *A formação do PCB e a adesão a Internacional Comunista*. p.1

⁹ LEITE, Isabel Cristina. *Apontamentos sobre as tradições da cultura política comunista e trabalhistas entre organizações guerrilheiras no Brasil dos anos 1960/70*. In *SÆculum: Revista de História*. João Pessoa: UFPB, jan-jun/2011. n.24. p.73.

¹⁰ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. “*A cultura política comunista. Alguns apontamentos*”. IN: NAPOLITANO, Marcos; CZAJKA, Rodrigo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.). *Comunistas brasileiros: cultura política e produção cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. p. 18-19

¹¹ PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e Companheiros história e memória do PCB*, Rio de Janeiro: Relume-Dumará, Fundação Roberto Marinho, 1995. p.14.

Nas palavras de Motta, essa cultura política comunista não objetivava exclusivamente uma revolução na economia e no meio social, mas a transformação de um novo homem, livre do jugo burguês, mais racional, materialista e socialista. O autor se aprofunda ao descrever os valores comunistas que permeavam esse projeto político ideológico, pois os militantes aprendiam a amar a Revolução e o partido acima de tudo, juntamente com o operariado, o povo e a humanidade. Em prol desse objetivo maior, eles faziam sacrifícios pessoais e familiares.¹²

A TRAJETÓRIA DO PCB E SUAS TENSÕES A PARTIR DE 1945

De acordo com Lucília Delgado, a redemocratização política brasileira, com o final do Estado Novo, em meados da década de 1940, consolidou uma política pluripartidária. A “Lei Agamenon”, como ficou conhecido o Decreto-Lei nº 7.586, de 28 de maio de 1945, obrigava qualquer agremiação partidária manter um caráter ou alcance nacional. Para a autora, essa medida rompeu de forma definitiva com a velha tradição brasileira de estruturação partidária regional, que durante anos alimentou o poder das oligarquias das estaduais.¹³

A configuração partidária apontava, a partir de 1945, o predomínio de três grandes partidos nacionais: PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), PSD (Partido Social Democrata) e UDN (União Democrática Nacional). Delgado afirma que esses partidos formaram uma estrutura triangular de poder e de disputa pelo poder. Porém, representaram duas forças nítidas e opostas que atuaram no cenário da vida nacional: o “getulismo”, incorporado e defendido principalmente pelo PTB, mas também apoiado pelo PSD, embora com menor ênfase e estratégia peculiar; e o “antigetulismo”, que fez da UDN seu principal arcabouço e baluarte.

Em detrimento da “Lei Agamenon”, em setembro de 1945, o PCB requereu ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) o seu registro, que lhe foi concedido. Assim, após atuar dezoito anos na ilegalidade, o partido voltou a ter direitos legais. E entra na disputa pela organização da classe trabalhadora.

¹² MOTTA, Rodrigo Patto Sá. “*A cultura política comunista. Alguns apontamentos*”. IN: NAPOLITANO, Marcos; CZAJKA, Rodrigo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.). *Comunistas brasileiros: cultura política e produção cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. p.25

¹³ DELGADO, Lucília. *Partidos políticos e frentes parlamentares: projetos, desafios e conflitos na democracia*. In: FERREIRA, Jorge; e DELGADO, Lucilia (Orgs.) *O Brasil Republicano*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003. v.3. p.126-153.

Com essa nova fase democrática, a sociedade se organizou para participar das decisões de seu destino. Para Marco Aurélio Santana, os atores indispensáveis nesse processo foram os sindicatos e os “grupos de esquerda”. Segundo o autor, existiu uma relação umbilical entre esses atores, que obteve sucesso e determinou o caminho que seria percorrido desde então.¹⁴

Assim como Delgado, Santana concorda que o PTB era o partido que deixava Vargas mais próximo das massas, tornando-se seu representante. E por isso vai ocupar espaços importantes dentro dos sindicatos. No entanto, ocorrerão disputas pela liderança do movimento dos trabalhadores entre PCB e PTB, que em certos momentos eram aliados, em outros não.

Essas disputas teriam novos contornos em 1947, quando o PCB teve o seu registro cancelado pelo TSE, após várias acusações, especialmente a de que o PCB seria um partido estrangeiro, filial da URSS, um partido comunista “do Brasil” e não Brasileiro. Embora tenha ocorrido o cancelamento de seu registro partidário, a bancada comunista na Câmara Federal inicialmente manteve-se no cargo e chegou a votar projetos importantes, como o referente à exploração do petróleo. Além disso, eles conseguiram manter os meios de divulgação de sua cultura política, através de jornais e revistas que não eram oficialmente vinculados ao partido.

No entanto, em 1948, todos os deputados eleitos pelo PCB tiveram seus mandatos cassados. Em seguida, o Ministério do Trabalho interviu nos sindicatos administrados pelos comunistas e a Confederação dos Trabalhadores do Brasil (CTB), bastante ligada ao partido, foi fechada.

Durante a década de 1950, muitas foram as mudanças na linha do programa do PCB, com destaque para o Manifesto de Agosto de 1950 e a Declaração de Março de 1958. Segundo Anita Prestes, o Manifesto de 1950 marcou a transição no modo de fazer política dos comunistas brasileiros, que antes prezavam por alianças com a burguesia e acreditavam no sistema eleitoral, passando agora a priorizar e defender a via revolucionária, inclusive de movimentos armados. No entanto, a estratégia revolucionária continuava com os mesmos objetivos de promover uma revolução democrática burguesa e anti-imperialista.

Para a autora, a Declaração de 1958 significou outra mudança na linha política do PCB, tendo agora como objetivo fazer a revolução agrária e anti-imperialista utilizando meios

¹⁴ SANTANA, Marco Aurélio. *A República de 1945: a esquerda, os sindicatos e a democracia*. In: MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes (Org.). *Democracia e ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2006, pp.77-87.

legais e eleitorais, não defendendo ações de luta armada. Esse documento passou a denominar a revolução como democrática, destacando o seu caráter nacional libertador.¹⁵

Convém destacar que essa tensão dentro do PCB sobre as formas de se alcançar a revolução prosseguiu e gerou cisões no partido e em suas dissidências, como veremos a seguir. A propósito, este debate está diretamente relacionado à formação do grupo Ala Vermelha, responsável pelo *Jornal da Baixada*, fonte analisada no presente trabalho.

Desde 1922, quando foi fundado o PCB, até a atuação da “Ala”, a militância comunista passou por várias mutações e com isso adquiriu características próprias. Um exemplo foi o debate sobre optar por uma política de características comunistas chinesas, tendo como referência a Revolução Chinesa de 1949, e deixar de lado as pretensões da URSS.

A Revolução Cubana, de 1959, também foi um dos acontecimentos históricos que influenciaram a construção da identidade comunista brasileira. No decorrer da década de 1960, a questão cubana esteve presente no debate ideológico tanto do PCB, quanto do PCdoB, mas isso não quer dizer que a relação internacional do “Partidão” com a URSS e o alinhamento do PCdoB com a China tenham sido extintas dos referidos partidos, conforme apontou Jean Sales.¹⁶

Como salientou Dulce Pandolfi, buscar uma identidade é forjar uma imagem de si e para os outros, pois é o resultado do diálogo entre pessoas em sociedade e implica uma relação de cada pessoa ou grupo diante dos outros. A identidade é um fenômeno que sempre vai opor-se, como ocorre no caso dos partidos comunistas. Eles mantêm, conjuntamente, uma oposição muito enfática ao capitalismo, mas ao mesmo tempo cada um reivindica a sua especificidade ou mesmo a sua superioridade diante dos outros partidos comunistas. Já os “não comunistas” buscam acentuar suas diferenças com os partidos comunistas “em geral”, sem apontar maior distinção entre eles.

Assim, a construção de identidade dos partidos comunistas brasileiros, que tem como inspiração comum a Revolução Russa que aconteceu em 1917, se deu com o debate e a incorporação de elementos no passar do tempo, que os tornaram específicos. Porém, não se pode deixar de citar que todos eles têm uma preocupação social em fazer acontecer uma revolução através das massas, ainda que utilizando táticas diferentes.

¹⁵ PRESTES, Anita Leocadia. *Memória do PCB: duas táticas e uma mesma estratégia do “Manifesto de Agosto de 1950” à “Declaração de Março de 1958”*. Site: <http://www.ilcp.org.br>

¹⁶ SALES, Jean Rodrigues. *A Revolução cubana e os comunistas brasileiros nos anos 1960*. História: Debates e Tendências – v. 10, n. 1, jan./jun. 2010, p. 53-60

(...) Um partido comunista, além da atividade política oferece aos seus militantes uma gama de atividade na área social, cultural, recreativa, etc. Ele atua em todas as esferas da vida, pois a sua proposta é não apenas mudar o regime ou a forma de governo, mas transformar as relações sociais e fazer vigorar uma nova concepção do mundo. Ou seja, fazer a Revolução.¹⁷

Os partidos comunistas no Brasil, como se pode perceber desde 1922, foram moldando-se de acordo com os acontecimentos históricos do Brasil e do mundo, construindo assim sua própria identidade. Vários foram os elementos que contribuíram para isso: como a Segunda Guerra Mundial, a Revolução Chinesa, a divulgação do relatório que revelou os abusos de Stalin, a Revolução Cubana, a ditadura militar brasileira a partir de 1964, enfim, diversos acontecimentos históricos que motivaram reuniões de autocrítica no interior dos partidos comunistas, como foi o caso da Ala Vermelha no PCdoB.

Conforme nos descreve Adriana Ribeiro em sua dissertação, no ano de 1967, foi lançada a proposta para organização do documento que viria a ser intitulado “*Crítica ao oportunismo*”, questionando o subjetivismo do documento “*União dos brasileiros para livrar o país da crise, da ditadura e da ameaça neocolonialista*” e as propostas aprovadas na VI Conferência Nacional do PCdoB, realizada no ano anterior, que defendia o foco guerrilheiro e de guerra popular prolongada como estratégia para a revolução brasileira.¹⁸

Um dos dirigentes da Ala Vermelha, Elio Cabral, em seu depoimento à Adriana Ribeiro, afirmou que a nova organização foi influenciada pelos partidos comunistas chinês e cubano, porém, de acordo com a realidade brasileira, foram feitas algumas adequações na implantação dessas ideias. O depoimento do militante dialoga com o que Jean Sales escreveu sobre a influência da Revolução Cubana na formação dos partidos comunistas¹⁹

Desse modo, as ações da Ala Vermelha tinham como base o marxismo-leninismo-maoísmo, embora a organização defendesse o poder de insurreição em todos os setores da sociedade, não somente o agrário. Logo no início de sua atuação, a Ala tentou implantar a

¹⁷ PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e Companheiros história e memória do PCB*, Rio de Janeiro: Relume-Dumará, Fundação Roberto Marinho, 1995.p.44

¹⁸ RIBEIRO. Adriana Maria. *Todo comunista tem de ir aonde o povo está. As experiências de inserção política da Ala Vermelha na Baixada Fluminense (RJ) na década de 1970. Dissertação, UFRRJ: Rio de Janeiro, 2013. p.43*

¹⁹ RIBEIRO. Adriana Maria. *Todo comunista tem de ir aonde o povo está. As experiências de inserção política da Ala Vermelha na Baixada Fluminense (RJ) na década de 1970. Dissertação, UFRRJ: Rio de Janeiro, 2013. p.51*

tática de guerrilha no interior de Goiás e Pernambuco. Entretanto, essa tentativa não deu certo, por falta de recursos financeiros e devido ao baixo recrutamento entre os camponeses. Já as ações de guerrilha urbana, nos assaltos feitos a bancos, caminhões de gás, gráficas e estabelecimentos comerciais, desapropriando diversos bens, repercutiram bem como forma de resistência à ditadura militar e sustento à organização. Foram ministrados diversos cursos para preparação da militância à luta armada, ministrados por Elio Cabral, Diniz Cabral Filho e Derly de Carvalho, que participaram de estágios na China, quando eram integrantes do PCdoB.

As ações armadas da Ala intensificaram a repressão contra os militantes e muitos acabaram sendo presos. Tudo isso suscitou maior preocupação com a segurança da organização, bem como a revisão das ações de luta armada. A adoção dessas medidas acabou desagradando a muitos militantes, que preferiram sair da Ala e integrar outros partidos de esquerda.

Em novembro de 1969, os integrantes da Ala Vermelha se reuniram e elaboraram um documento de autocrítica, com dezesseis pontos que redefiniriam sua tática de inserção junto às massas, visando sobretudo encurtar a distância entre a militância e a classe trabalhadora. Nessa reunião, foram reavaliadas as ações de luta armada até então desenvolvidas e passou-se a focar em estratégias que pudessem alcançar as massas operárias.

Para outro militante da Ala entrevistado por Adriana Ribeiro, Felipe Lindoso, a organização concluiu, nessa reunião, que não se alcançaria a revolução sem que os militantes se achegassem aos movimentos de massas. Eles objetivam agora conhecer a realidade das massas e inculcar a ideologia comunista junto à classe trabalhadora e as camadas populares, para que assim elas se tornassem capazes de empreender uma revolução armada.²⁰

Esse era o meio que tinham de conscientizar as massas. E a organização foi atraída para a região da Baixada Fluminense tanto por causa dos movimentos sociais que estavam ressurgindo neste contexto da década de 1970, quanto pela ineficiência das políticas públicas em alcançar a população desses municípios, além do alto índice de violência. A proposta era implantar frentes políticas nessa região.

²⁰ RIBEIRO, Adriana Maria. *Todo comunista tem de ir aonde o povo está. As experiências de inserção política da Ala Vermelha na Baixada Fluminense (RJ) na década de 1970*. Dissertação, UFRRJ: Rio de Janeiro, 2013.p.111.

Assim começou a tática de inserção dos militantes da Ala, organizando cursos preparatórios para viabilizar a entrada de militantes nas fábricas como operários, sobretudo em municípios da Baixada Fluminense, que passaram a residir na região e conviver junto aos demais trabalhadores. Conforme destacaram Valéria Lima Guimarães em sua pesquisa sobre o PCB e Adriana Ribeiro no próprio título de sua dissertação sobre a Ala Vermelha: “*todo comunista tem de ir onde o povo está*”.²¹

²¹ GUIMARÃES, Valéria Lima. *O PCB cai no samba: os comunistas e a cultura popular 1945-1950*. Rio de Janeiro, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 2009. p.3

Capítulo 2:

JORNAL DA BAIXADA COMO IMPRENSA ALTERNATIVA

Neste capítulo analisaremos o papel da chamada imprensa alternativa durante a ditadura militar, indicando o papel desempenhado pelo *Jornal da Baixada*, com a sua primeira edição lançada em maio de 1979, no contexto de debate sobre a Lei de Anistia, promulgada em 28 de agosto do mesmo ano (Lei nº 6.683/1979).

O *Jornal da Baixada* foi um instrumento utilizado na mudança de tática da Ala Vermelha, tornando-se ferramenta indispensável na luta contra a ditadura militar na Baixada Fluminense, buscando conscientizar a população de seus direitos e deveres e apoiar a redemocratização brasileira. Este periódico – que circulou entre 1979 e 1980, em paróquias, sindicatos e associação de moradores da região – foi reunido e analisado por Adriana Ribeiro durante sua pesquisa de mestrado. Posteriormente, a autora disponibilizou sua coleção completa ao Centro de Documentação e Imagem (CEDIM-IM/UFRRJ) para digitalização, contabilizando um total de oito edições.

Em sua dissertação, Adriana Ribeiro formulou algumas questões sobre a fonte analisada, buscando compreender como foi idealizado o jornal e de que forma eram escolhidos certos temas para reportagens. A primeira hipótese formulada pela autora era de que o periódico mantinha ligações com a Diocese de Nova Iguaçu, à época sob a liderança do Bispo Dom Adriano Hipólito. Contudo, haveria outros aspectos envolvendo o jornal que deveriam ser estudados. A partir do método de história oral, Adriana Ribeiro realizou entrevistas com membros ligados ao jornal e assim chegou a um dos seus fundadores: João Pedro de Souza Neto. O entrevistado revelou que “o *Jornal da Baixada* é um jornal ligado a Ala vermelha, uma organização marxista-leninista que tentou atuar nos movimentos de massa da Baixada”.²²

A partir de então, a autora passou a analisar o *Jornal da Baixada* como um noticiário popular que fazia parte da estratégia política de uma organização da esquerda revolucionária no Brasil. Para Ribeiro, o jornal usava uma linguagem simples, humorística e trazia críticas sociais, pois o seu objetivo era alcançar o público de trabalhadores e moradores da região. Sua

²² RIBEIRO, Adriana Maria. *Todo comunista tem de ir aonde o povo está. As experiências de inserção política da Ala Vermelha na Baixada Fluminense (RJ) na década de 1970*, (p.13). Dissertação, UFRRJ: Rio de Janeiro, 2013. p.13.

tiragem era de cinco mil exemplares. O perfil da escrita das notícias disfarçava os ideais da organização e, em meio ao ressurgimento de diversos movimentos sociais na Baixada Fluminense, o jornal foi caracterizado como um periódico alternativo e popular.

A criação de periódicos foi uma alternativa encontrada pela Ala Vermelha, em meados da década de 1970, para se aproximar dos trabalhadores e divulgar os movimentos sociais de base. A ideia era de que a imprensa é capaz de ser um centro de mobilização para evidenciar suas ideias e desempenhar um papel de orientador político. “*Em 1972, com a autocritica em curso, a importância da imprensa foi definida como tática de aproximação das massas, pois se acreditava que: “sem imprensa externa o trabalho entre as massas se limita”*”²³

Os periódicos deveriam seguir a Circular do partido Ala Vermelha, oriundo do documento de autocritica, que indicava que os jornais deveriam ser volantes, com o objetivo de aproximação junto às massas, como *ao publicar denúncias e reivindicações locais, assim como divulgar as lutas do povo*. Segundo a circular, esse jornal não poderia ser identificado em nome do partido, mesmo estando seu conteúdo submetido a avaliação do dirigente local. *Com base na Circular e nas entrevistas, tornou-se possível compreender a criação de periódicos alternativos, de cunho operário ou popular, por iniciativa de militantes da Ala, como por exemplo, o Jornal da Baixada, lançado em 1979, na Baixada Fluminense.*²⁴

O *Jornal da Baixada* era produzido por militantes em parceria com profissionais colaboradores, sem ligação com a Ala, mas que tinham em comum uma cultura política de esquerda, demonstradas nas matérias que defendiam a democracia e apoiavam os movimentos sociais.

Bernardo Kucinski, considerado a maior referência no assunto de imprensa alternativa, descreve os alternativos basistas, no qual se enquadra o *Jornal da Baixada*, como periódicos cujo enredo estava voltado para as questões que permeavam uma determinada região, seus bairros e movimentos sociais.²⁵

²³ RIBEIRO, Adriana Maria. *Todo comunista tem de ir aonde o povo está. As experiências de inserção política da Ala Vermelha na Baixada Fluminense (RJ) na década de 1970, (p,13)*. Dissertação, UFRRJ: Rio de Janeiro, 2013. p.100.

²⁴ RIBEIRO, Adriana Maria. *Todo comunista tem de ir aonde o povo está. As experiências de inserção política da Ala Vermelha na Baixada Fluminense (RJ) na década de 1970, (p,13)*. Dissertação, UFRRJ: Rio de Janeiro, 2013. p.101.

²⁵ KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Scritta, 1991.

O papel da chamada imprensa alternativa ou imprensa nanica vai ganhar espaço nesse contexto, porque divulgava e informava à população o que acontecia no governo ditatorial (1964-1985), denunciando as prisões políticas irregulares e as formas de torturas praticadas pelo Estado, fazendo o papel da “imprensa oficial”, que seguia as restrições da censura.²⁶

Convém ressaltar que, de acordo com Flávio Aguiar, o termo imprensa alternativa não surgiu com a ditadura militar, mas no início do século XIX. Segundo o autor, a imprensa brasileira surgiu com um “alternativo”, o *Correio Brasiliense*, fundado por Hipólito José da Costa, em Londres, no ano de 1808, com o intuito de ajudar na luta pela independência de nosso futuro país. Além disso, durante o Império e a Primeira República existiram vários alternativos.²⁷

Em sua obra “*Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*”, Bernardo Kucinski apresenta um levantamento de 150 periódicos alternativos durante o regime militar e em todos, apesar de suas divergências de caminhos partidários, feministas, culturais, ecológicos ou satíricos, almejavam somente acabar com a política ideológica da ditadura, lutar por mudanças estruturais, contra o imperialismo e o capitalismo, visando transformar o Brasil socialmente.²⁸

O jornal *O Pasquim*, por exemplo, lançado em formato tabloide no Rio de Janeiro, em 1969, foi um instrumento de oposição e crítica ao regime implantado em 1964. Com uma linguagem humorística e criatividade, alcançou um público extenso, começando com uma tiragem de 20 mil exemplares e atingindo até 200 mil. Para burlar a censura, o jornal utilizava-se de charges, caricaturas e linguagem humorística, pois os censores – preocupados com outras formas de manifestações – não analisavam minuciosamente essa linguagem.

Para Kucinski, entender o início da imprensa alternativa no contexto ditatorial está vinculado à conexão dos ativistas políticos, jornalistas e intelectuais. De acordo com o autor, a esquerda almejava colocar em prática as mudanças estruturais que defendia e os jornalistas e intelectuais buscavam espaços alternativos à universidade ou grande imprensa. Foi a oposição

²⁶ AMORIM, Célia Regina Trindade Chagas; FERNANDES, Michelle e TRINDADE, Raquel. *Imprensa Alternativa na Ditadura Militar: Um olhar jornalístico e acadêmico de Bernardo Kucinski*. Belém, 2011.

²⁷ AGUIAR, Flávio. *Imprensa alternativa: Opinião, Movimento e em tempo*. In: MARTINS, Ana Luiza. LUCA Tânia Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. pp.233-247.

²⁸ KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Scritta, 1991.

à ditadura militar que aproximou jornalistas, intelectuais e ativistas políticos.²⁹

O que veio a fortalecer essa luta contra a ditadura, segundo Rosalba Lopes, foi a disputa por cadeiras no parlamento nas eleições de 1974. A oposição havia conquistado uma vitória surpreendente, pois o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) elegeu 187 deputados e 16 senadores. De acordo com a autora, nesse momento a democracia passa a ser um desejo de grande parte da população brasileira.³⁰

Para Francisco Carlos Teixeira da Silva, durante o governo do General Ernesto Geizel (1974-1979), chegou a ser debatido um projeto de abertura política do país, visando restituir a população mais diretos, contudo esse projeto descartava a redemocratização do país. De acordo com o autor, essa vitória do MDB, em 1974, teria estremecido o projeto inicial do governo.³¹

O fim do chamado “milagre econômico”, somado ao encerramento do apoio norte americano às ditaduras militares na América Latina, abriu mais espaço para a redemocratização brasileira.

Na obra *A imprensa alternativa no Brasil: a experiência do Jornal Movimento*, Inara Sousa analisou o periódico *Movimento* e identificou nas esquerdas brasileiras a opção de lutar pela democracia, a partir de 1970, pois no início da ditadura elas estariam mais voltadas para as ações de luta armada. Em sua análise, a autora reforçou o argumento de Bernardo Kucinski quanto a grande importância da imprensa alternativa para a reestruturação da esquerda nesta época.

Sousa vai destacar a influência exercida pelo jornal *Movimento* na luta pela redemocratização. Após a vitória do MDB nas urnas, um novo cenário político foi construído, e grupos de esquerda vão reforçar a luta democrática nos periódicos alternativos. Uma das colunas do periódico que demonstraram essa orientação política foi a *Ensaio populares do Movimento*. Esta coluna, segundo a autora, divulgou o programa das eleições do MBD, em 1974, que era de oposição ao governo e aqueles que eram a favor do regime deveriam ser expulsos. Em um contexto de bipartidarismo, o MDB era um partido com vários integrantes

²⁹KUCINSKI, Bernardo. Op.cit. (p. XVI)

³⁰ LOPES, Rosalba. *Sob o signo da metamorfose: as esquerdas comunistas brasileiras e a democracia (1974-1982)*. Tese (doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2010. Bibliografia f. 198-207.

³¹ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. *Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil*. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs). *O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

de oposição, com o propósito de alcançar a democracia. E o jornal *Movimento* expressava esse desejo em suas edições ajudando nos acontecimentos políticos do país nesse período.³²

De acordo com os estudos de Bernardo Kucinski, os alternativos tiveram pelo menos sete fases distintas, considerando os participantes de cada período juntamente com a sociedade civil. A primeira fase está relacionada ao impacto do golpe em 1964 e vai até 1966. A segunda fase veio amparada pela Revolução Cubana, sugerindo uma guerrilha continental. Em 1968, acontece um espaço de tempo, pois os estudantes realizavam passeatas influenciadas pelo Maio de 68 na França. Em 1969, intelectuais e jornalistas entraram em ação, dando origem as duas fases seguintes, caracterizadas pela resistência político cultural. A quinta fase aconteceu entre 1971 e 1972, marcada pelos cartunistas que expunham os acontecimentos com humor. Em 1974 vários presos políticos foram soltos e as redações dos alternativos ficaram cheias. A sexta fase foi marcada pela crise do milagre econômico, em 1976. Em 1977 nasceu a sétima fase, marcada pela diversificação de conteúdos feministas e regionais. É nessa fase se enquadra o jornal alternativo estudado no presente trabalho, o *Jornal da Baixada*.³³

Em seu trabalho, Kucinski define a imprensa alternativa a partir de seus agentes:

Os protagonistas da imprensa alternativa de 1970 constituíam uma subcultura que se distinguia do grosso dos jornalistas e intelectuais pela sua disposição contestatória, pela sua propensão ao ativismo, pela sua intransigência intelectual e, em certa medida moral, pela afinidade com os motivos ideológicos que moviam os ativistas político.³⁴

Veniucha Moraes³⁵ relacionou a chamada “imprensa nanica” como movimento social. Para isso ela define o conceito de movimento social, a partir de Sidney Tarrow. Segundo o autor, movimento social se define de acordo com o surgimento de um confronto político, no qual existam oportunidades de mudanças apesar das restrições políticas. E um movimento social se organiza quando suas ações têm como base redes sociais e buscam esta linha com

³² SOUZA, Inara Bezerra Freitas. A imprensa Alternativa no Brasil: a experiência do Jornal Movimento. ANPUH- MG, Julho de 2012. p.5-6.

³³ KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Scritta, 1991.

³⁴ KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Scritta, 1991.

³⁵ MORAES, Veniucha. *Mobilização Jornalística nos anos 70: a imprensa alternativa como movimento social*. Em tese, Florianópolis, V. 11 n.2, jul/dez 2014.

culturas consensuais, para além de ideologias e partidos políticos, propondo diretrizes para executar determinada ação. Além disso, eles resistem aos seus opositores com grande poder.³⁶

Assim a imprensa nanica, segundo Moraes, pode sim ser considerada uma rede social, pois eles tinham interesses ideológicos em comum ligados às questões individuais na realização dos jornais alternativos. Para Maria da Glória Gonh, os movimentos sociais são considerados processos políticos sociais, que contribuem para o desenvolvimento político da sociedade³⁷. Com isso, de acordo com Moraes, podemos refletir sobre a imprensa alternativa ter participado do processo ditatorial e sofrer suas influências e passado para a abertura política, tendo papel principal nesse processo e auxiliando na divulgação da volta democrática do país. E como a imprensa alternativa era um tipo de movimento social na maioria das vezes de viés esquerdista, ela estava sujeita, por isso, a sofrer influências das circunstâncias que envolviam as agitações que aconteciam em escala nacional e internacional.³⁸

A partir de 1977 há maior preocupação dos jornais voltados aos movimentos populares em alcançar um público de trabalhadores e pessoas que residiam nas periferias das cidades grandes. Por isso eles passam a utilizar uma linguagem mais acessível a essa população. Eles passam a se envolver em conflitos locais, de bairros, com diferentes pessoas.

É o que acaba por dar origem ao *Jornal da Baixada*, em maio de 1979. Seus fundadores tinham como interesse alcançar essa classe de trabalhadora que residia na Baixada Fluminense e lutava por condições melhores de moradia, saúde, educação. Por isso eles se vinculam a outros setores da sociedade como a Igreja Católica, via Diocese de Nova Iguaçu, e o Movimento de Amigos de Bairro (MAB) para elaborar suas edições.

Uma característica marcante da imprensa alternativa esta em sua curta vida, pois os jornais não duravam muitos anos. É o que também nos descreve Alzira Abreu, quanto às tiragens irregulares dos jornais alternativos, pois os donos não estavam preocupados em lucrar com a venda dos periódicos. Por isso não tinham recursos para manterem impressão dos exemplares, algo custoso nesse período.

Muitos periódicos contavam com o apoio de gráficas de outros jornais para que fossem impressos. Não foi diferente com o *Jornal da Baixada*, que teve seis edições

³⁶ TARRON, Sidney. *O poder em movimento: movimentos sociais e confronto político*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

³⁷ MORAES, Veniucha. *Mobilização Jornalística nos anos 70: a imprensa alternativa como movimento social*. Em tese, Florianópolis, V. 11 n.2, jul/dez 2014. p.112

³⁸ GOHN, Maria da Glória. *Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Loyola, 1997. p.252

periódicas, além de duas edições extraordinárias devido à greve dos metalúrgicos, em julho de 1979, no município de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense; e a de setembro de 1979, que aconteceu na cidade do Rio de Janeiro. Isso configura como um exemplo daquilo que Aguiar vai nos descrever como uma das características dos alternativos brasileiros:

Os alternativos são o exemplo de uma característica da vida cultural brasileira: a continuidade na descontinuidade. Isto é, os jornais e revistas surgem, duram relativamente pouco tempo, uns mais, outros menos, mas sempre estão de volta, e às vezes quando menos se espera.³⁹

Flávio Aguiar apresenta mais uma característica associada ao conceito de imprensa alternativa vinculado à ditadura militar, pois a palavra alternativa passa a ser ligada a uma posição antigovernista. De mídia contra-hegemônica à mídia antigovernista. Isso explica a associação feita pela palavra alternativa à imprensa do período da ditadura.

Ainda de acordo com Aguiar, o destaque da imprensa alternativa deve-se a censura exercida pelo governo militar na mídia, impedindo assim os jornalistas de escreverem o que achavam e pensavam. Insatisfeitos, eles vão buscar alternativas para escrever o que pensam e sabem sobre os acontecimentos. Muitos jornalistas insatisfeitos com essas condições de trabalho, meios técnicos em transformação, leitores insatisfeitos com o que liam, esses foram alguns elementos que favoreceram o crescimento da imprensa alternativa ou imprensa nanica, que recebeu este nome, segundo o escritor João Antônio, em uma alusão ao confronto bíblico de Davi e Golias.⁴⁰

Kucinski⁴¹ também acredita ter originado esse tipo de mídia no período da ditadura, porém ele discorda quanto à mídia alternativa ter sido denominado imprensa nanica, quanto a uma alusão ao episódio bíblico Davi e Golias, pois para ele esse nome se deu porque esses jornais em sua maioria eram em formato tabloide. Abreu⁴² ainda enfatiza que é uma das características mais marcantes neste tipo de imprensa.

Os jornais eram diferentes em suas estéticas, alguns apresentavam textos mais extensos, outros com linguagens mais populares, textos mais curtos. Os ideais políticos dos

³⁹ AGUIAR, Flávio. *Imprensa alternativa: Opinião, Movimento e em tempo*. In: MARTINS, Ana Luiza. LUCA Tânia Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 235

⁴⁰ AGUIAR, Flávio. *Imprensa alternativa: Opinião, Movimento e em tempo*. In: MARTINS, Ana Luiza. LUCA Tânia Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p.237

⁴¹ KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Scritta, 1991.

⁴² ABREU, Alzira Alves de. *A modernização da imprensa: 1970-2000*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, 66p.

jornalistas que produziam os periódicos também variavam muito. Para Alzira Alves de Abreu, a imprensa de maior prestígio foi um dos instrumentos estratégicos para derrubar o regime ditatorial, mas, assim como os autores Kucinski e Flávio Aguiar, a autora concorda que a censura à imprensa da época foi o que contribuiu para o surgimento da imprensa alternativa. Mas a autora acrescenta que os alternativos surgiram com o fim da luta armada, no qual jornalistas vão buscar um espaço legal de resistência política. Ainda vai destacar assim como os outros autores que jornalistas impedidos de divulgar suas críticas e posições políticas vão utilizar as mídias alternativas para fazê-lo.

Abreu vai utilizar o *Pasquim* para analisar as características dos alternativos, pois para ela esse jornal acabou influenciando grande parte da mídia nanica, pois tinha como instrumento as charges e sátiras políticas críticas ao regime militar.⁴³

Maria de Barros, assim como os demais autores, enfatiza que a intensificação da repressão às mídias, a partir de 1968, fomentou o surgimento da imprensa alternativa, pois foi o espaço em que as pessoas encontraram para expressar suas ideias. Além disso, a autora vai trazer de novo outras nomenclaturas referentes à imprensa alternativa, como *underground*, tropicalista, marginal nanica, não alinhada, poesia jovem, emergente. Esses termos foram utilizados para designar a produção literária independente.⁴⁴

Esse tipo de imprensa, a nanica, segundo Barros, foi inspirada por publicitários que difundiram a contracultura norte-americana do novo jornalismo, ao apresentar questões sociais e comportamentais de forma diferente. Essa nova forma de fazer jornalismo tornou mais leve a escrita, porque passou a ser objetiva com aspectos mais subjetivos, ganhou um novo formato e os textos passaram a ficar mais interessantes. Barros nos apresenta um ponto de vista cultural da imprensa alternativa, deixando de lado um pouco a visão política.

Para Maria Paula Nascimento Araújo, foram certos grupos que, tentando mudar a política brasileira no regime militar, acabaram por dar um novo enfoque à imprensa alternativa, que em geral tinham características semelhantes: formato tabloide, tiragens irregulares (em sua maioria) e de oposição. Eles nasceram para contestar o regime e estavam ligados aos movimentos de esquerda que não tinham representatividade dentro do governo

⁴³ ABREU, Alzira Alves de. *A modernização da imprensa: 1970-2000*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, 66p.

⁴⁴ BARROS, Patrícia Marcondes de. *A imprensa alternativa brasileira nos "anos de chumbo"*. In: Akrópolis. Umuarama: abr-jun, 2003. v.11. n.2. pp.63-66.

brasileiro.⁴⁵

Entretanto, para Araújo, a imprensa alternativa foi um fenômeno político e não jornalístico, por ter sido um instrumento de luta política. Para ela, o *Pasquim* foi exemplo desse fenômeno destacado por sua mistura política, a crítica social e comportamental e sua linguagem coloquial. A imprensa alternativa, diferente da grande imprensa, não estava preocupada em manter uma tiragem regular, ela estava preocupada em representar seus grupos, divulgando suas propostas, ideias políticas. Essa forma de mídia nos leva a conhecer a efervescência política dos anos de 1970, no Brasil e no mundo.

Portanto, após alguns estudos sobre o surgimento e as características da mídia alternativa no período da ditadura militar, podemos concluir que o *Jornal da Baixada* configura como um integrante da categoria de periódicos alternativos, tendo as suas charges como elemento fundamental, aspecto que será analisado no próximo capítulo.

⁴⁵ ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. *A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970*. Rio de Janeiro: FGV, 2000, 200p.

Capítulo 3:

CHARGE COMO MEDIADORA ENTRE A POPULAÇÃO E A POLÍTICA

O objetivo deste capítulo é analisar as charges do *Jornal da Baixada*. Esse tipo de desenho bem humorado foi utilizado em larga escala no periódico, desde a sua primeira edição, configurando como um elemento central em sua comunicação com o público leitor. Antes, porém, faz-se necessário abordar alguns aspectos sobre o estilo charge e suas possibilidades de análise. Pensar as charges como um instrumento isolado de crítica social não é nosso intuito, pois elas estão inseridas em um contexto mais amplo que abarca o meio social, político e econômico, pois um depende do outro e caminham juntos.

As características próprias de linguagem da caricatura, que surgem no Brasil a partir do século XIX, é o que reconhece hoje o conceito de charge. Contudo, Rodrigo Patto Sá Mota, em seu livro *Jango e o Golpe de 1964 na Caricatura*, afirma que existe uma diferença entre a caricatura e a charge. De acordo com o autor, a caricatura é a representação humana de pessoas públicas. Ela teria surgido na Itália, durante o século XVII, no desenho dos irmãos Agostinho e Annibale Carraci, sendo denominada como *ritratti carichi* ou “retrato carregado”, o qual originou a palavra caricatura. Seu intuito é de sobressair, supervalorizar algum aspecto no desenho com o propósito de zombar ou criticar. Já a charge, de inspiração francesa, por meio da expressão *charger*, teria como propósito atribuir uma “carga” contra algo, ridicularizando-o de forma crítica e cômica, a partir do exagero.⁴⁶

Já Rozinaldo Antônio Miani, em seu trabalho *Charge: uma prática discursiva e ideológica*, procurou definir o papel das charges enquanto estratégia comunicativa, pois para ele a charge é uma “manifestação convincente que trás a luz questões defendidas e idealizadas politicamente, com uma grande sagacidade comunicativa defendendo as mais variadas situações sociopolíticas”.⁴⁷

Miani concorda com Luciana Coutinho de Souza, quando a autora afirma que as charges transmitem, sentimentos, ideias, torna conhecido algo de seu tempo ou de outra época. Para ele a charge é persuasiva e define o rumo político e ideológico do individuo que tem contato com ela, através do seu modo humorístico, capaz de fazer a pessoa se sentir

⁴⁶ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Jango e o Golpe de 1964 na Caricatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora Ltda. 2006. 181p.

⁴⁷ MIANI, Rozinaldo Antônio. *Charge: uma prática discursiva e ideológica*. In: 9º arte: Revista Brasileira de Pesquisas em Histórias em Quadrinhos. São Paulo: ECA-USP, 2012. v.1. n.1. p.37

pertencente ao momento, levando-a a se colocar em movimento em busca de um propósito maior.⁴⁸

A charge surge no Brasil no século XIX, com o intuito de criticar a política e os costumes da época. Segundo Antônio Luiz Cagnin, as charges são desenhos que descrevem a realidade dos acontecimentos cotidianos das pessoas, com o objetivo de criticar, satirizar e denunciar. Para ele, a charge é um mecanismo político de crítica que serve como meio para divulgar uma ideologia ou defendê-la.⁴⁹

Edson Carlos Romualdo também define a charge como um recurso humorístico com a função de criticar alguém ou algum acontecimento político específico. No entanto o autor destaca a sua temporalidade momentânea, pois ela trabalha com fatos reais em determinado período. A charge é um discurso dissertativo, que defende uma ideia política através da sátira de um fato ou pessoa específica, mas que utiliza a técnica de ilustração para encenar. Ela é algo passageiro da lembrança social ou individual, contudo permanente na memória da história.

A função social da charge, para Aucione Torres Agostinho, não é de retirar a concentração dos acontecimentos à volta das pessoas. Ao contrário, o papel dela é chamar a atenção da população com suas denúncias e alertas, as quais as levam a refletir sobre as questões ao seu redor.⁵⁰

A construção da charge está relacionada a influências políticas de um mundo textual ligado a outras produções textuais. A charge não é um texto isolado, pois tem conexão com outros textos, não só no jornal, mas fora dele também. Isso possibilita ao leitor relacionar os vários textos e acontecimentos para interpretar a charge.

Para Romualdo, os desenhos humorísticos contidos no jornal é o que estimula a leitura das notícias. Esses textos informativos se comunicam e se organizam de forma ideológica. Isso produz o caminho para entender o texto contido na charge.⁵¹

Para Mickhail Bakhtin todo signo é ideológico e a charge é um signo ideológico, pois ela é a materialização de uma comunicação. Porque esse é o conjunto de elementos dos signos

⁴⁸ SOUZA, Luciana Coutinho P. de. *Charge política: o poder e a fenda*. São Paulo: PUC/SP, 1986. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). p.46.

⁴⁹ CANIN, Antônio Luiz. *Carões, caras e caretas: salão de humor e outros humores*. Mimeo, s/d.

⁵⁰ AGOSTINHO, Aucione Torres. *A Charge*. São Paulo: ECA/USP, 1993. Tese (Doutorado em Comunicação). p.229.

⁵¹ MIANI, Rozinaldo Antônio. *Charge: uma prática discursiva e ideológica*. In: 9º arte: Revista Brasileira de Pesquisas em Histórias em Quadrinhos. São Paulo: ECA-USP, 2012. v.1. n.1. Apud. p. 42

ideológicos. Segundo o autor, sem signo não existe ideologia. O signo muda a direção de um fato existente. Ele reproduz a imagem do que é real fora do indivíduo.⁵²

Maria Aparecida Tavares Mouco, em seu trabalho *Leitura, análise, e interpretação de charges com fundamentos na teoria semiótica*, a charge configura como uma narrativa feita do ponto de vista do sujeito que quer transformar o mundo e, para isso, busca valores e ideologias aplicadas nos objetos. Ela tem característica sincrética, ou seja, agrega o princípio de várias doutrinas, por isso o leitor precisa estar a par de todos os acontecimentos políticos, sociais e econômicos.⁵³

A autora descreve o signo como a união de um conceito e uma imagem. O seu papel é conscientizar no recurso da cidadania. Assim como Romualdo, Maria Mouco descreve a charge como sendo algo passageiro, por causa do acontecimento específico narrado por ela. Ela também concorda com ele quanto ao fato da charge ser um recurso discursivo e ideológico, que tem a função de conscientizar ao mesmo tempo em que diverte, informa, denuncia e critica. Para a autora, a charge é um instrumento estratégico de diversas organizações sociopolíticas, porque possui elementos dissertativos e intertextuais, que divulga a ideologia de forma persuasiva.

AS CHARGES DO JORNAL DA BAIXADA

Adriana Ribeiro, em pesquisa que inspirou a presente monografia, chegou a utilizar algumas charges do *Jornal da Baixada* em suas análises. Porém, isto se deu de forma pontual, pois a proposta da autora implicava outros objetivos. Ainda assim, por meio das entrevistas que realizou com antigos militantes da Ala Vermelha, Ribeiro conseguiu identificar os responsáveis pelas charges do jornal, como o “*jovem cartunista Cláudio Paiva*”, que foi convidado pelo militante Alceu Mendonça Nogueira da Gama para fazer as ilustrações.

Segundo Alceu, Claudio seria “um sujeito engajado no movimento estudantil, não possuía filiação partidária, mas se mostrava combativo na luta contra a ditadura e parecia bastante incomodado com as desigualdades sociais”. Em sua contribuição para o jornal, Paiva criou selos para seções e colunas, além de charges e ilustrações para diversas matérias. Seu trabalho de criação era realizado com base nos temas e demandas apresentados por Alceu. Por essa

⁵² BAKHIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997. ed.8. p.31/36.

⁵³ MOUCO, Maria Aparecida Tavares. *Leitura, análise, e interpretação de charges com fundamentos na teoria semiótica*. Trabalho final do Programa de Desenvolvimento da Educação – PDE 2007.

razão, as ilustrações publicadas no JOB [*Jornal da Baixada*] teriam sido produzidas exclusivamente para esse periódico. Os cartunistas Luscar e Guidacci publicaram ilustrações nas duas últimas edições do jornal.⁵⁴

O JOB foi publicado pela editora Olho Vivo, no município de São João de Meriti, e contava com a participação de Alceu Nogueira da Gama editor, Carlos Appel, diagramador, ilustrações feitas por Cláudio Paiva, seus colaboradores eram Domingos Demasi e Luís Pimentel. Foi produzido em formato *standard* e em suas seis edições possuía oito paginas, divididas entre a capa que sempre trazia um assunto destacado com uma charge, além dos títulos das notícias destacadas que iriam compor a edição do periódico.

Era também composto por seções e colunas as quais fizeram parte das seis edições. E são elas:

Olho Vivo: destacado em um quadrado relatava acontecimentos que não foram resolvidos e cobrava solução. **Agora Escrevo Eu:** opinião dos leitores do jornal sobre o que gostaram e o que não gostaram, sugestões de melhoria e exposição deles em relação a algumas notícias. **Lá embaixo:** notícias que envolvem o Estado do Rio de Janeiro. **Amigos de Bairro:** a associação de moradores era mediadora entre o povo e a prefeitura e as notícias dessa seção traziam em pauta os problemas dos bairros e cobrava solução dos governantes. **Baixo astral:** os signos eram utilizados como sátiras, trazendo nas previsões acontecimentos do cotidiano da população local. **Povo Fala:** carta de um morador que relatava a sua situação e seus almejos. **Chico Bé:** trazia notícias relacionadas ao trabalho e trabalhadores das fábricas, era uma forma de divulgar o que acontecia lá e reivindicar os direitos e melhorias sem os trabalhadores serem identificados e mandados embora das fábricas. **Arrebite** é o título que encabeça a ultima parte do jornal, na qual são destacadas notícias do mundo do trabalho. Como o seu enfoque o trabalho e o trabalhador a coluna do Chico Bé a compõe.

O que muda nas duas ultima edições extra do JOB, é o seu número de paginas que passa a ser quatro, e nas outras seis eram oito. Essas edições extras tem como enfoque a greve da Fiat, por isso a sua capa vem com a foto do ocorrido e não mais com uma critica em formato de charge como nas anteriores. E o que se mantém é a coluna do Chico Bé que é voltada para as notícias dos trabalhadores e dos acontecimentos dentro das fábricas.

⁵⁴ RIBEIRO, Adriana Maria. *Todo comunista tem de ir aonde o povo está: as experiências de inserção política da Ala Vermelha na Baixada Fluminense (RJ) na década de 1970*. Seropédica, RJ: Dissertação em História, UFRRJ, 2013. p.117.

Nas oito edições do *Jornal da Baixada*, sendo as duas últimas edições extras, identificamos dezesseis charges, todas utilizadas para ilustrar as reportagens, não sendo contabilizadas as charges que foram criadas como selos para seções e colunas.

Panorama das onze charges do JOB que não serão analisadas profundamente:

Trabalhadores



ÔNIBUS É.. MÁQUINA DE TRITURAR TRABALHADOR

Edição 1, página 1. São trabalhadores apertados em um ônibus que reivindicam melhores condições no transporte e para os motoristas das empresas.



Edição 5, capa. Descreve a insatisfação da população e trabalhadores em relação ao descaso dos governantes.



Edição 4, página 4. Professores entram em greve em São João de Meriti.

ESTENDE A MÃO EM CONCILIAÇÃO PRO SIMONSEN, DELFIN ANDREAZZA, E NA HORA DOS REAJUSTES SALARIAIS, VIVEM DE MÃO FECHADA!



Edição extra, página 4, Trabalhadores da Fiat lutam por melhores salários e condições de trabalho.



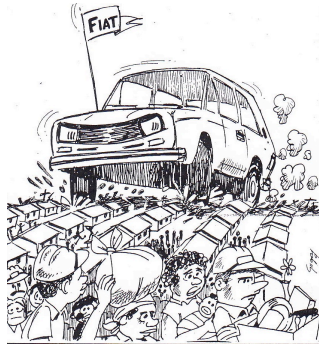
Leitões da diretora comem a merenda.
Taxa escolar ilegal ainda é cobrada
Pais temem perseguição e não protestam
Menino cheir cola para ficar doidão

Edição 6, capa. Os professores querem aumento salarial.



Edição 4, capa. Demonstra que o aumento salarial é um caso perdido assim como paciente.

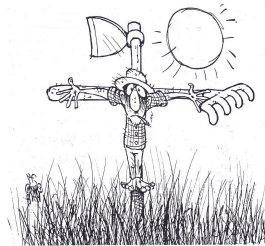
Moradia



Edição 1, página 6. O ministério da fazenda quer despejar os moradores da vila operária da Fiat, e os trabalhadores soluções

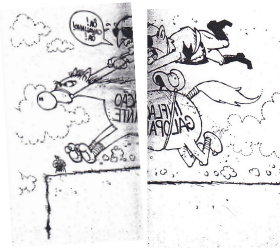


Edição 3, capa. Mais de três mil moradores se reúnem com os representantes do MAB e os governantes e discutem reivindicam seus direitos.



Edição 5, página , Sítio de Bráulio Rodrigues, um trabalhador militares o tomaram injustamente o seu sítio.

Inflação



Edição 5, páginas 4 e 5. Representa a crise econômica que o país estava passando com alta inflacionária.



Edição Extra, página 3. O dinheiro não era suficiente para comprar comida devido a inflação.

A partir de um critério temático, optamos em analisar seis charges para a presente monografia, diante das dezesseis que foram identificadas. Foram privilegiadas as charges que

buscavam estabelecer uma mediação entre a vivência local, na Baixada Fluminense, e as questões de âmbito nacional, sobretudo na perspectiva de críticas ao modelo do chamado Milagre Econômico a política salarial e a carestia de vida durante a ditadura militar. Desse modo, optamos em não privilegiar as charges dedicadas a temas específicos da Baixada, como o Movimento Amigos de Bairros (MAB), os sistemas locais de ensino, saúde e transportes, nem tampouco as mobilizações de trabalhadores da Fábrica Nacional de Motores (FNM).

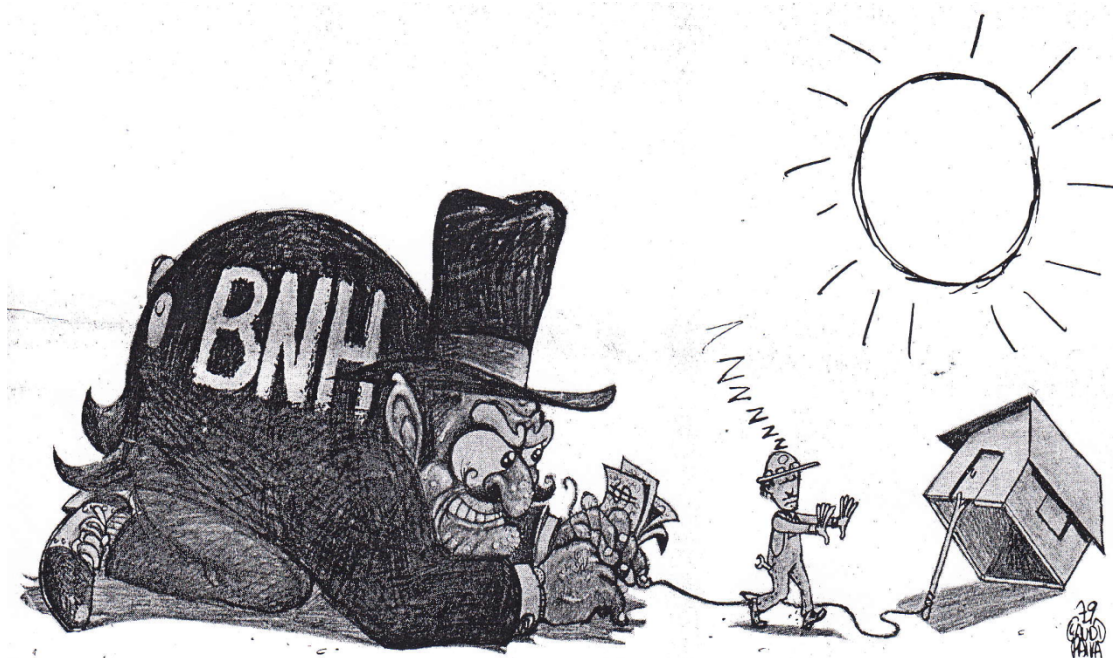


IMAGEM 2: Charge do *Jornal da Baixada*. 15/06/1979. n.2. p.1.

Fonte: Acervo do CEDIM-IM-UFRRJ

A primeira charge que pretendemos analisar foi publicada na capa da segunda edição do *Jornal da Baixada* (Imagem 2), em junho de 1979, sob o título “*Trama diabólica: sonho da casa própria vira um pesadelo*”. Nas páginas 4 e 5 da mesma edição, o jornal publicava reportagem com moradores de onze conjuntos habitacionais que começavam a ser despejados. Isso porque eles não conseguiam quitar as prestações de suas casas, financiadas pelo governo federal. À época, o Banco Nacional de Habitação (BNH) cobrava juros exorbitantes, imprimindo uma política que só beneficiava aos bancos. A população se sentia enganada, tendo parte do seu Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) descontado.

A charge mostra um sujeito grande, de cartola e fraque, com dinheiro nas mãos, representando o BNH (o governo), ansioso em armar uma arapuca para o trabalhador, sendo

este representado por um homem pequeno, hipnotizado com sonho da casa própria e seguindo em direção ao financiamento. A casa é a própria armadilha, controlada pelo BNH, como as que capturam passarinhos.

O enunciado da charge descreve bem essa situação, pois o que era para ser um sonho virou um pesadelo. A expressão do olhar de superioridade do homem que representa o BNH define a sua intenção de lucrar em cima do trabalhador. Esperteza de enriquecer fácil e rapidamente. O fetichismo de corromper e enganar. Papéis sociais estereotipados: o trabalhador vai em direção à casa que está presa por uma corda, controlada pelo governo, o qual detém o sonho das pessoas em suas mãos.

A segunda charge a ser analisada vem representando a proposta feita pelo governo federal de reajustar o salário dos trabalhadores semestralmente. Segundo reportagem do *Jornal da Baixada*, isso prejudicaria os trabalhadores demitidos antes dos reajustes, favorecendo uma rotatividade maior de mão de obra, pois os patrões poderiam dispensar funcionários e logo após contratar outros com salários mais baixos. Além disso, essa política salarial visava deixar a mobilização sindical de lado, prejudicando o acompanhamento e a negociação dos sindicatos para esses reajustes.



IMAGEM 3: Charge do *Jornal da Baixada*. s/d [1979?]. n.4. p.2.
Fonte: Acervo do CEDIM-IM-UFRRJ

A cena (Imagem 3) mostra um homem com a intenção de assediar uma mulher, fazendo a seguinte proposta: “*Vamos praticar uma política salarial do governo, meu bem?*”. Imediatamente, a mulher responde: “*Ora! Não seja indecente*”. O jornal ainda coloca o título da reportagem que acompanha a charge como “*Proposta Imoral*”, chamando a atenção para a falta de pudor do governo, que visava abusar dos trabalhadores. O intuito era apresentar a proposta governamental como uma obscenidade.

Já a terceira charge caracteriza o Brasil imerso em uma crise econômica grave, o que levou muitos a não ter condições de comer, como o chargista mesmo demonstra. A cena (Imagem 4) mostra um homem magérrimo e faminto, com o seguinte raciocínio: “*Estão vendendo suco de laranja com um lucro de 1400%, o mamão com 360%, chuchu com 300%, repolho com 800%, banana e alface com 500% e, de acordo com a alta do preço da carne, conclue-se: o povo brasileiro não está preparado pra comer!*”. E uma caveira completa: “*Já uma minoria aí...*”.

Mas quem nos explica melhor o que aconteceu nesse período é Sonia Regina Mendonça, em seu trabalho. Segundo a autora, a retomada da acumulação do pós-64 também esteve condicionada por fatores de ordem externa, em particular a grande liquidez do mercado financeiro internacional entre 1962 e 1973. Essa conjuntura favorável significou para os chamados países do Terceiro Mundo uma dupla possibilidade de dilatação dos prazos de pagamento dos empréstimos e de diminuição das taxas de juros. Internacionalização e desnacionalização são categorias que definem o estado da economia no período.⁵⁵

Todos esses fatores geraram as precondições para o crescimento “galopante” da economia brasileira, a partir de 1968. Entre este ano e 1974 houve índices recordes de crescimento econômico, configurando o que costuma chamar-se de “milagre brasileiro”. Só que diante de todos os mecanismos compulsórios e espoliativos produzidos (e mantidos) pelo regime autoritário, milagre seria não ter havido. A crise do petróleo, entre 1973 e 1974, iria levantar o “véu de euforia que ocultava as contradições latentes do modelo econômico”.⁵⁶

⁵⁵ MENDONÇA, Sônia Regina. *Estado e Economia no Brasil: opções de desenvolvimento*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

⁵⁶ MENDONÇA, Sônia Regina. *Estado e Economia no Brasil: opções de desenvolvimento*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.



IMAGEM 4: Charge do *Jornal da Baixada*. s/d [1979?]. n.4. p.4.
Fonte: Acervo do CEDIM-IM-UFRRJ

A crise do “milagre” foi marcada por duas peculiaridades: tratou-se de uma crise de endividamento e de uma crise de esgotamento do fôlego do Estado na manutenção do ritmo do crescimento. A existência de empresas estrangeiras ocupando lugar de relevo na economia do país criaria um nexos com o exterior de grande peso na formação desta crise. O mediador nessa transação triangular entre exterior-multinacionais-exterior era o Estado, o grande tomador das divisas que alimentavam o circuito.

Até 1981, nenhuma das medidas contorcionistas alardeadas como remédio contra a inflação surtira efeito. A recessão se prolongou alimentada por uma política econômica

“cruel” que, sem deixar de expandir os meios de pagamento, oscilava entre dois expedientes: ora o controle dos preços, ora o controle dos gastos públicos.

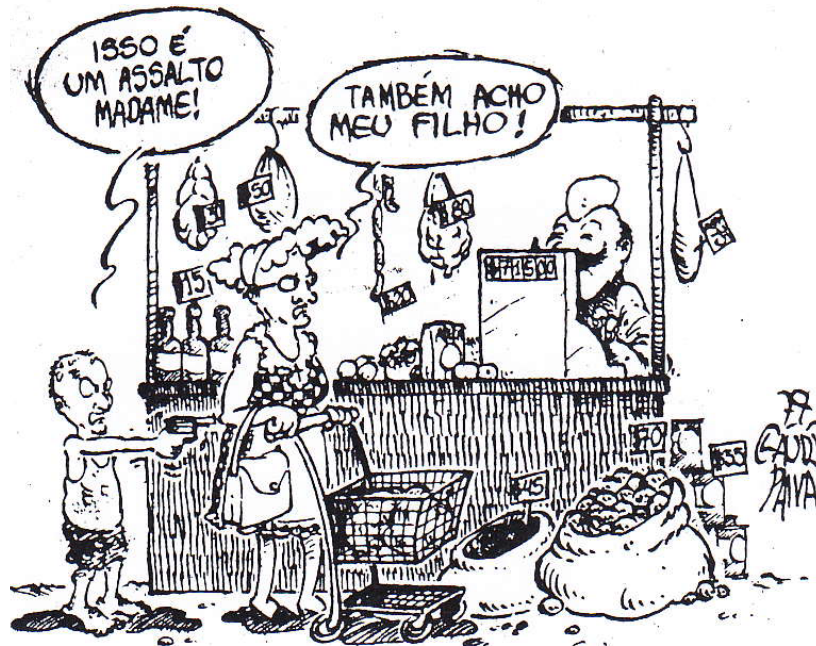


IMAGEM 5: Charge do *Jornal da Baixada*. s/d [1979?]. n.4. p.5.
Fonte: Acervo do CEDIM-IM-UFRRJ

“*Isso é um assalto, madame!*”, anunciou o assaltante em um mercadinho. “*Também acho, meu filho*”, prontamente respondeu uma cliente. Esta é a cena da quarta charge analisada (Imagem 5). Um garoto vai assaltar a senhora, no entanto as coisas estão tão caras que ela nem percebe que o garoto a quer assaltar e acaba concordando com ele. Para ela, no entanto, o assalto é o preço das coisas no mercado, os quais não deixavam de ser um roubo também.

Interessante ressaltar que, na quarta edição do jornal, estão a segunda, terceira e quarta charges aqui analisadas, todas dialogando com a temática da política salarial do governo e do alto preço dos alimentos de primeira necessidade. Na mesma edição há outra charge, de capa, já analisada por Adriana Ribeiro em sua pesquisa (e não incluída nesta monografia), mas que também dialoga com as mesmas questões. Nela, um senhor bastante adoentado é atendido no hospital pelos médicos, que logo apontam um diagnóstico para a doença: “*Caso perdido! Tá com Salário Mínimo!*”.⁵⁷

⁵⁷ RIBEIRO, Adriana Maria. *op.cit.* p.125..



IMAGEM 6: Charge do *Jornal da Baixada*. 12/1979. n.5. p.4.
 Fonte: Acervo do CEDIM-IM-UFRRJ

No ano de 1979, os trabalhadores estão promovendo diversas greves, em busca de aumento salarial e melhores condições de trabalho. O *Jornal da Baixada* buscou dar bastante visibilidade a essas mobilizações, inclusive com a utilização de charges. A quinta a ser analisada neste trabalho (Imagem 6), apresenta um homem de terno e cartola (semelhante à caracterização do BNH). Ele está com um saco de dinheiro na mão, porém em meio a um amontoado de lixo. “O poder não suporta mais o cheiro da greve!”, disse o sujeito “É só deixar o povo sentir do cheiro do dinheiro!”, replica prontamente o gari que fazia limpeza do local.

O homem de terno indica, metaforicamente, a dupla “governo e empresariado”, que detém o poder de aumentar o salário dos trabalhadores. Eles não suportam a greve dos trabalhadores e a comparam com o próprio lixo, com isso a sujeira e o mau cheiro continuavam espalhados por todo o lugar.

Segundo o *Jornal da Baixada*, o Rio de Janeiro, juntamente com a Baixada Fluminense, demonstrava que os trabalhadores estavam insatisfeitos com as condições de

trabalho, com os baixos salários e as garantias de segurança laboral. No ano de 1979 ocorreram greves de lixeiros, motoristas de ônibus, professores e operários de forma geral. Inclusive, todas essas greves vinham conquistando aumentos salariais superiores aos índices do governo.⁵⁸

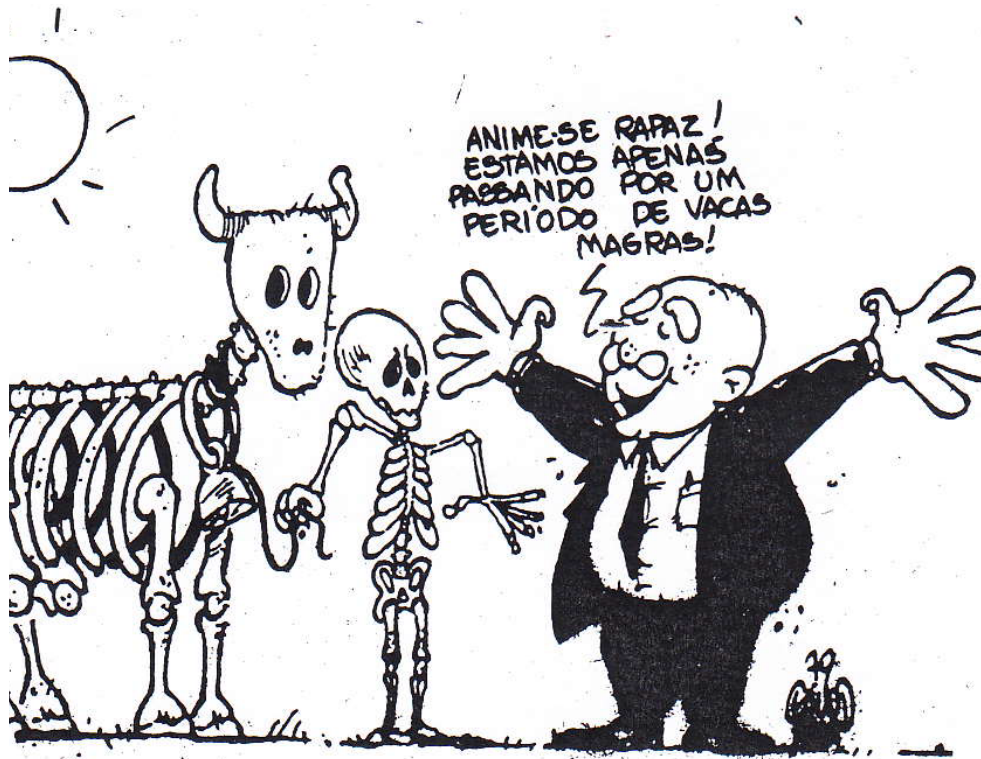


IMAGEM 7: Charge do *Jornal da Baixada*. 12/1979. n.5. p.5.

Fonte: Acervo do CEDIM-IM-UFRRJ

Por fim, a sexta e última charge (Imagem 7) novamente traz a imagem de um homem de terno, rico, bem nutrido e poderoso que, não passando por dificuldades financeiras, tenta animar o trabalhador desnutrido, sem condições de se alimentar e dar alimento também ao seu gado, também faminto e esquelético: “*Anime-se, rapaz! Estamos apenas passando por um período de vacas magras*”.

Nada mais significativo para um governo ditatorial que dizia viver, no início da década de 1970, um “Milagre Econômico” e que, nas palavras do seu Ministro da Fazenda Delfim Neto, era preciso “fazer o bolo crescer, para depois dividi-lo”. O pedaço de bolo não chegou para os mais pobres e as condições de vida dos trabalhadores, sobretudo em regiões como a

⁵⁸ *Jornal da Baixada*. 12/1979. n.5. p.4.

Baixada Fluminense, só pioraram, conforme denunciava o jornal “pobre, atrevido e independente”.

Considerações Finais

Ao longo da construção do trabalho observamos que após as varias dissidências do Partido Comunista Brasileiro, chega-se a fundação do Partido Comunista do Brasil Ala Vermelha. Eles acreditavam que uma Revolução só poderia ser feita através das massas, com intenção social na construção de uma nova sociedade. Todas essas propostas foram influenciadas pela internacional comunista, organização comunista com viés marxista-leninista. Contudo a luta armada é implantada aqui no Brasil, no entanto não são alcançados os objetivos almeçados pela organização política através desse mecanismo.

Para entender porque os integrantes do partido Ala Vermelha acreditam em uma revolução feita através das massas utilizei o conceito de cultura política trabalhado por Rodrigo Patto Sá Motta⁵⁹, que define a cultura como influência as decisões e ações políticas determinadas por fatores culturais, identidades, valores e sentimentos. Entender a cultura política nos ajudará a compreender a adesão das pessoas a essa identidade ideológica que vai além dos partidos políticos e dos interesses de classe. Esse projeto político se popularizou através da construção de imagens e sentimentos. Podemos constatar ao longo do trabalho que realmente eles conseguem inculcar nas pessoas esse sentimento comunista, dar a elas essa identidade política que na visão de Motta os livra de do julgo burguês os torna mais racional, materialista e socialista.

A partir da intensificação da repressão contra os militantes os membros do partido da Ala Vermelha em 1969, se reúnem e fazem um documento redefiniriam sua tática de inserção junto às massas. O objetivo agora seria o de se aproximar das massas e inculcar a ideologia comunista junto à classe trabalhadora e as camadas populares, para que assim elas se tornassem capazes de empreender uma revolução armada. Eles foram atraídos para a Baixada Fluminense devido o surgimento dos movimentos sociais e a ineficiência da politica publica em alcançar a população na década de 1970. A proposta deles era a de implantar frentes políticas nessa região. Com isso, constatamos a prática de que todo comunista, vai aonde o

⁵⁹ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. “*A cultura política comunista. Alguns apontamentos*”. IN: NAPOLITANO, Marcos; CZAJKA, Rodrigo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.). *Comunistas brasileiros: cultura política e produção cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. p. 18-19

povo está. Como bem no destacou Valéria Lima Guimarães.⁶⁰

A partir do estudo do que é um periódico alternativo pudemos constatar que o *Jornal da Baixada* lançado em 1979, se enquadra nessa classificação, pois ela foi um instrumento do Partido Ala Vermelha que tinha como intuito alcançar as massas e lutar contra a ditadura militar na baixada Fluminense que tinha o objetivo de conscientizar as pessoas de seus deveres e direitos, além de apoiar a redemocratização do país. O JOB de acordo com Adriana Ribeiro ⁶¹ estava ligado a Ala Vermelha, que tentou nos movimentos de massa na Baixada Fluminense. Como o objetivo do jornal era alcançar a população usava uma linguagem simples em suas reportagens, humorísticas com críticas sociais o que chamava a atenção de seus leitores. Esse tipo de escrita disfarçava a verdadeira intenção da organização política e classificou o JOB como um periódico alternativo de cunho popular.

O *Jornal da Baixada* ele foi classificado como sendo basista, de acordo com os estudos de Bernardo Kucinski⁶², porque as suas notícias são voltadas questões que permeavam uma determinada região, seus bairros e movimentos sociais. O JOB surge através da junção de vários setores da sociedade como a Igreja Católica, via Diocese de Nova Iguaçu, e o Movimento de Amigos de Bairro (MAB) para elaborar suas edições. o *Jornal da Baixada*, teve seis edições periódicas, além de duas edições extraordinárias devido à greve dos metalúrgicos, em julho de 1979, no município de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense; e a de setembro de 1979, que aconteceu na cidade do Rio de Janeiro. Podemos concluir que o *Jornal da Baixada* configura como um integrante da categoria de periódicos alternativos, tendo as suas charges como elemento fundamental.

As charges do *Jornal da Baixada* foi o elemento central em sua comunicação com o público leitor. Pensamos as charges como um instrumento de crítica social de cunho político e econômico. A charge tem um enfoque político, porque ela defende variadas situações sociopolíticas, segundo Rozinaldo Antônio Miani.⁶³

⁶⁰ GUIMARÃES, Valéria Lima. *O PCB cai no samba: os comunistas e a cultura popular 1945-1950*. Rio de Janeiro, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 2009. p.3

⁶¹ RIBEIRO, Adriana Maria. *Todo comunista tem de ir aonde o povo está. As experiências de inserção política da Ala Vermelha na Baixada Fluminense (RJ) na década de 1970*, (p,13). Dissertação, UFRRJ: Rio de Janeiro, 2013. p.13.

⁶² KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Scritta, 1991.

⁶³ MIANI, Rozinaldo Antônio. *Charge: uma prática discursiva e ideológica*. In: 9º arte: Revista Brasileira de Pesquisas em Histórias em Quadrinhos. São Paulo: ECA-USP, 2012. v.1. n.1. p.37

Elas transmitem sentimentos capazes de levar as pessoas a pensarem e colocar em prática a busca de um propósito maior. As charges expressam acontecimentos cotidianos das pessoas, com o objetivo de criticar, satirizar e denunciar. Para Miami charge é um mecanismo político de crítica que serve como meio para divulgar uma ideologia ou defendê-la. É o que pudemos constatar no estudo delas no Jornal da Baixada. Como ela descreve os acontecimentos cotidianos ela acaba sendo passageira na memória social do indivíduo. Ela traz a reflexão da população sobre os acontecimentos a sua volta.

A charge é um instrumento político, ideológico e social que leva as pessoas a pensar sobre os acontecimentos ao seu redor e a reagirem reivindicando seus direitos, ao mudarem de pensamento e comportamento elas se tornam seres sociais atuantes contribuindo para a melhoria da sociedade.

Referências Bibliográficas

- RIBEIRO, Adriana Maria. *Todo comunista tem de ir aonde o povo está. As experiências de inserção política da Ala Vermelha na Baixada Fluminense (RJ) na década de 1970*. Dissertação, UFRRJ: Rio de Janeiro, 2013.
- Pandolf, Dulce. *Camaradas e Companheiros história e memória do PCB*, Rio de Janeiro: Relume-Dumará, Fundação Roberto Marinho, 1995.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *A cultura política comunista. Alguns apontamentos*. IN: NAPOLITANO, Marcos; CZAJKA, Rodrigo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.). *Comunistas brasileiros: cultura política e produção cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Jango e o Golpe de 1964 na Caricatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora Ltda. 2006. 181p.
- SALVADOR, Rodrigo. *A formação do PCB e a adesão a Internacional Comunista*.
- LEITE, Isabel Cristina. Apontamentos sobre as tradições da cultura política comunista e trabalhistas entre organizações guerrilheiras no Brasil dos anos 1960/70. In *SÆculum REVISTA DE HISTÓRIA* [24]; João Pessoa, jan./ jun. 2011. (p.73)
- DELGADO, Lucilia. *Partidos políticos e frentes parlamentares: projetos, desafios e conflitos na democracia*. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia (Orgs.) *O Brasil Republicano*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003, vol. III.
- SANTANA, Marco Aurélio. A República de 1945: a esquerda, os sindicatos e a democracia. In MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes (Org.) *Democracia e ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2006, pp. 77- 87.
- PRESTES, Anita Leocadia. Memória do PCB: duas táticas e uma mesma estratégia do “Manifesto de Agosto de 1950” á “Declaração de Março de 1958”.
- SALES, Jean Rodrigue. A Revolução cubana e os comunistas brasileiros nos anos 1960. (p.55-56)
- GUIMARÃES, Valéria Lima. O PCB cai no samba: os comunistas e a cultura popular 1945-1950. (p.3)
- . CANO, Wilson. Milagre brasileiro: antecedentes e principais consequências econômicas. In: REIS FILHO, D. A; RIDENTI, M; MOTTA, R. P. S. (orgs.). *O golpe e a ditadura militar 40 anos depois (1964-2004)*. Bauru: Edusc, 2004.
- MENDONÇA, Sônia Regina de. *Estado e economia no Brasil: opções de desenvolvimento*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 1987.

AMORIM, Célia Regina Trindade Chagas; FERNANDES, Michelle e TRINDADE, Raquel. *Imprensa Alternativa na Ditadura Militar: Um olhar jornalístico e acadêmico de Bernardo Kucinski*.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Scritta, 1991.

¹ LOPES, Rosalba. *Sob o signo da metamorfose: as esquerdas comunistas brasileiras e a democracia (1974-1982)*. Tese (doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2010. Bibliografia f. 198-207.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. *Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil*. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs). *O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SOUSA, Inara Bezerra Freitas. *A imprensa Alternativa no Brasil: a experiência do Jornal Movimento*.

MORAES, Veniucha. *Mobilização Jornalística nos anos 70: a imprensa alternativa como movimento social*. Em tese, Florianópolis, V. 11 n.2, jul/dez 2014.

TARROW, Sidney. *O poder em movimento: movimentos sociais e confronto político*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

GOHN, Maria da Glória. *Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Loyola, 1997.

AGUIAR, Flávio. *Imprensa alternativa: Opinião, Movimento e em tempo*. In: MARTINS, Ana Luiza. LUCA Tânia Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 233-247.

BARROS, Patrícia Marcondes de. “A imprensa alternativa brasileira nos „anos de chumbo””. *Akrópolis, Umuarama*, v. 11, n. 2, p. 63-66, abr./jun., 2003.

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. *A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970*. Rio de Janeiro: FGV, 2000, 200p.

¹ MIAMI, Rozinaldo Antônio. *Charge: uma prática discursiva e ideológica*. 9º arte. São Paulo, vol 1, nº 1, 37 48, 2012.

CANIN, Antônio Luiz. *Carões, caras e caretas: salão de humor e outros humores*. Mimeo, s/d.

SOUZA, Luciana Coutinho P. de. Charge política: o poder e a fenda. São Paulo: PUC/SP, 1986. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica).

BAKHIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. 8º ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

ABREU, Alzira Alves de. A modernização da imprensa: 1970-2000. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, 66p.